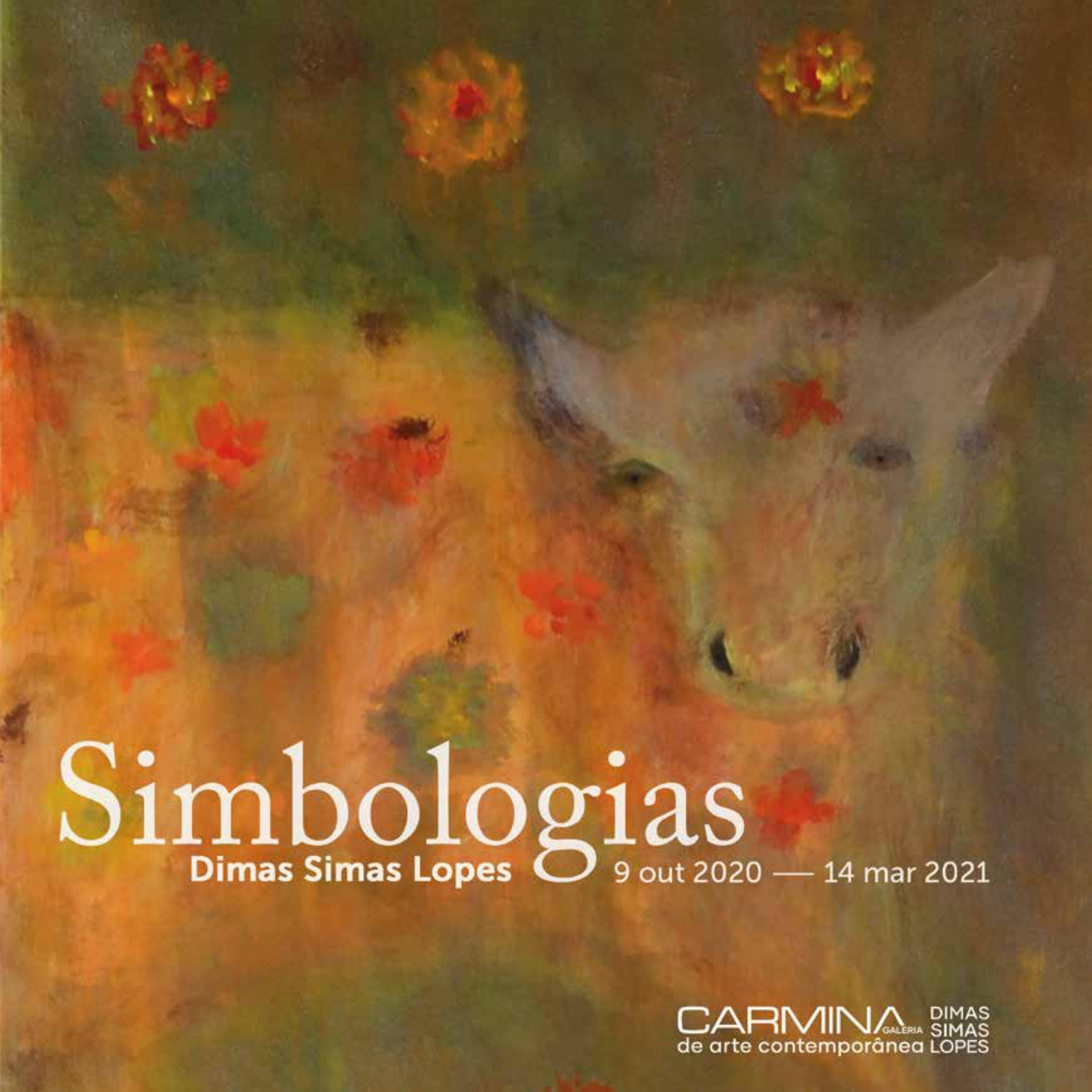




Simbologias

Dimas Simas Lopes

9 out 2020 — 14 mar 2021

CARMINA GALERIA DIMAS
de arte contemporânea SIMAS
LOPES

EXPOSIÇÃO

Organização: Secretaria Regional da Educação e Cultura
/ Direção Regional da Cultura
/ Museu de Angra do Heroísmo
Coordenação: Jorge A. Paulus Bruno (MAH)
Curadoria: Assunção Melo (CCA-DSEAC-DRC)
Desenho Expositivo: Assunção Melo (CCA-DSEAC-DRC) | Dimas Simas Lopes
Documentação: Assunção Melo (CCA-DSEAC-DRC)
Montagem: Fábio Almeida (MAH) | José Silva (MAH) | Rui Toste (MAH)
Comunicação: Ana Lúcia Almeida (MAH) | Cristina Brum (MAH)
Serviço Educativo: Ana Lúcia Almeida (MAH) | Inês Araújo Machado (MAH)
Apoio Administrativo: Museu de Angra do Heroísmo
Merchandising: Accional – Ações, Promoções e Representações, Lda.

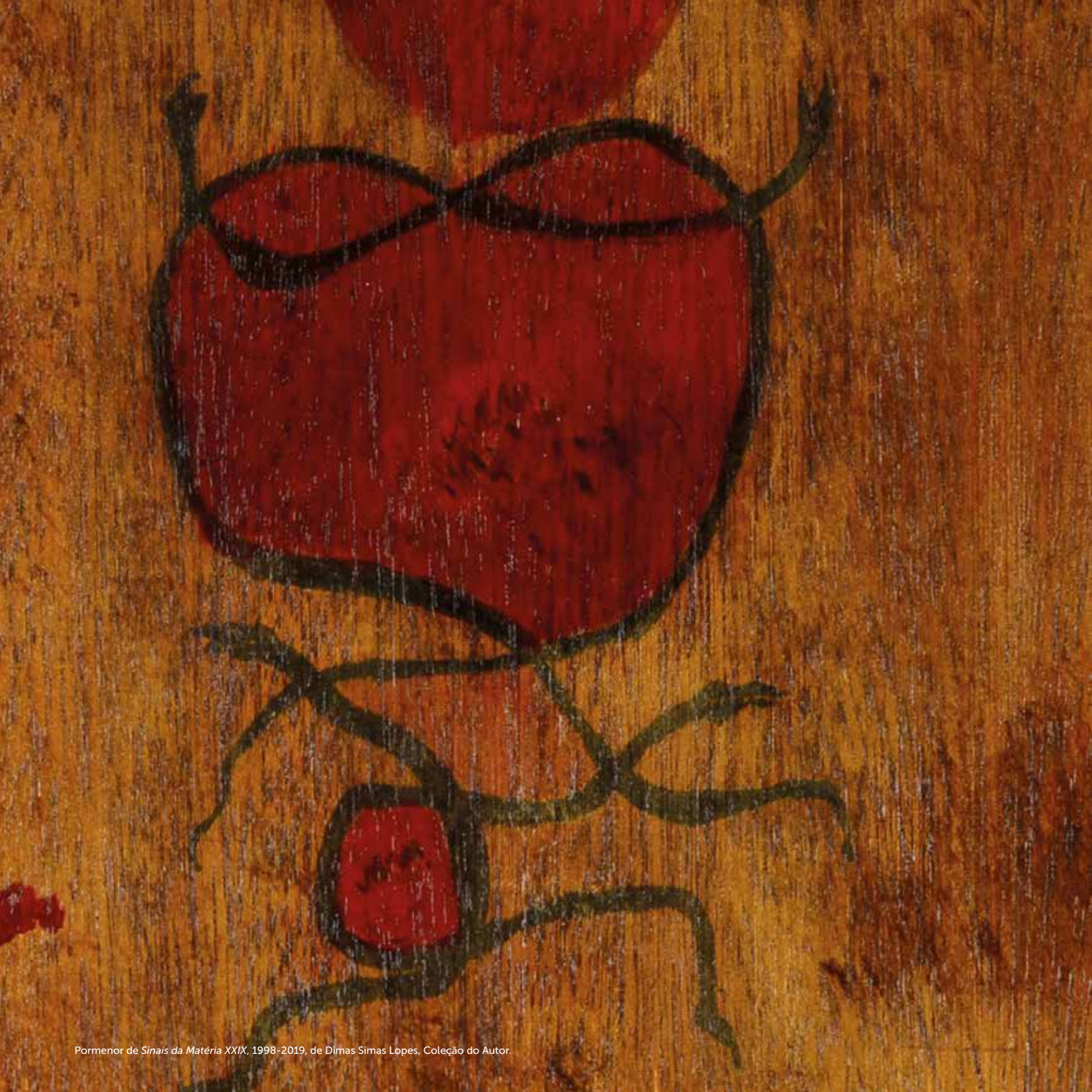
CATÁLOGO

Edição: Secretaria Regional da Educação e Cultura
/ Direção Regional da Cultura
/ Museu de Angra do Heroísmo
Título: *Simbologias*
Coordenação: Jorge A. Paulus Bruno (MAH)
Textos: Avelino de Freitas de Meneses (SREC) | Dimas Simas Lopes | Assunção Melo (CCA-DSEAC-DRC)
Cronologia: Assunção Melo (CCA-DSEAC-DRC)
Fotografia: João de Deus Melo (MAH) | Cristina Brum (MAH) | Assunção Melo (CCA-DSEAC-DRC) | Rui Melo
Edição de Fotografia: Ana Rita Lima (DSEAC-DRC)
Revisão de Texto: Cecília Pinheiro (DSEAC-DRC)
Design Gráfico: Ana Rita Lima (DSEAC-DRC)
Impressão: Colingra – Companhia Gráfica dos Açores, Lda.
ISBN: 978-972-647-382-4
Depósito Legal: 473890/20
Tiragem: 500 exemplares
Ano de Edição: 2020
Imagens da Capa e Contracapa: Pormenor de *O Bezerro do Espírito Santo e Toiro* (2007-2019), de Dimas Simas Lopes, Coleção do Autor | Pormenor de *Sinais da Matéria XIV* (1998-2019), de Dimas Simas Lopes, Coleção MAH
SIGLAS: CCA - Centro de Conhecimento dos Açores da Direção Regional da Cultura | CIA - Companhia Independente das Artes | DRC - Direção Regional da Cultura | DSEAC - Direção de Serviços Externos e Ação Cultural da Direção Regional da Cultura | HUC - Hospitais da Universidade de Coimbra | IAC - Instituto Açoriano de Cultura | MAH - Museu de Angra do Heroísmo | UMAR - União de Mulheres Alternativa Resposta

Simbologias

Dimas Simas Lopes 9 out 2020 — 14 mar 2021

CARMINA  DIMAS
de arte contemporânea SIMAS
LOPES



DIMAS, CARMINA E CHICO BENTO

Nado em 1946 na freguesia dos Biscoitos da ilha Terceira, Dimas Simas Lopes é um conhecido médico cardiologista, que cursou a Universidade de Coimbra, realizando depois formação complementar em unidades hospitalares de referência, inclusivamente no Hospital La Paz, em Madrid. Entre nós, foi Chefe de Serviço do Hospital de Santo Espírito.

Afora o gostoso exercício de produtor de bons vinhos, após o aprendizado da Medicina, Dimas Simas Lopes revelou qualidades artísticas, com múltiplas expressões, por exemplo, na pintura e na escultura, mais recentemente também na literatura. Em 1992, em Angra do Heroísmo, na galeria da então Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), inaugurou a sua 1.^a exposição de pintura, bom prenúncio de muitas outras, que ocorreram aqui nas ilhas, igualmente no continente, em Lisboa, Coimbra e Porto, ainda no estrangeiro, a saber, em Itália, no Brasil e nos Estados Unidos. Volvida uma meia dúzia de anos, em 1998, foi a vez da iniciação à prática da escultura em suporte de metal, hoje com muitos espécimes, ora derramados por espaços públicos, ora constantes de coleções de arte, aqui nos Açores, no Portugal mais contíguo, de novo no estrangeiro, nos países atrás descritos, a que acrescem Espanha e França. No amadurecimento da verve artística, em 2004, na Feteira, à vista de Angra do Heroísmo, Dimas Simas Lopes procede à fundação da *Carmina*, galeria de arte contemporânea. O edifício, se não é ele próprio uma peça artística, é pelo menos de todo condizente com a sua função de albergue, transitório ou não, das criações mais distintas dos artistas das nossas ilhas e das nossas afinidades externas.

Grosso modo, a arte contemporânea é uma invenção do pós-guerra, retrato da civilização das novas tecnologias, particularmente das digitais, que ancoram o progresso da globalização. Em Portugal, muito por conta da ditadura, o fenómeno ganha uma expressão mais tardia, essencialmente posterior à revolução de 1974, que então lhe dá uma efetiva guarida, por força da devolução da liberdade ao povo. Na identificação das suas principais características, relevamos a diversidade dos materiais, do ferro, do aço e dos restantes metais ao acrílico, à cortiça e à madeira, sobretudo a prioridade da ideia e da atitude sobre a valia intrínseca da obra. Além disso, o diálogo com a cultura popular, próprio de uma atividade de massas.

Ao longo de uma década e meia, debruçada sobre um belo recorte da costa sul da ilha Terceira, do Monte Brasil aos Ilhéus das Cabras, a *Carmina*, com o seu “Chico Bento Botequim”, foi ao mesmo tempo uma galeria de arte e um bar cultural. Para além de um espaço de exposição, de visita e de venda de peças e de artefactos, foi na sua essência um sítio de convívio social e de fruição cultural, não raras vezes areópago de diálogos mil, alguns deles decerto técnicos, até pretensamente científicos. Aliás, a galeria agiu como escola informal para artistas e aspirantes, assistentes atentos dos cursos de curta duração sobre técnicas de artes plásticas ou princípios de escrita literária, mas também como grémio



Sinais da Matéria VII, 1998-2019, de Dimas Simas Lopes, Coleção MAH.

de formação de novos públicos, de certeza mais assíduos, de preferência mais inquietos. Todavia, no essencial, o ensinamento e o deleite da *Carmina* brotaram principalmente das muitas exposições que acolheu, da responsabilidade de dezenas de artistas residentes e forasteiros, logo caracterizadas pelo ecletismo, próprio da arte contemporânea.

Agora, depois de um já longo percurso de muitos êxitos e de poucos reveses, com um desprendimento singular, Dimas Simas Lopes, por intermédio do Governo dos Açores, procede à doação da sua galeria de arte e do seu bar cultural ao povo da ilha Terceira. Porém, à guarda da Região, o doador não coloca somente um edifício, por mais icónico que ele seja, por mais relevante que tenha sido a sua utilização. À guarda da Região, fica também a boa memória de uma das nossas famílias, já que Carmina era o nome de sua mãe, já que Chico Bento era o nome por que era conhecido seu pai. Nestas circunstâncias, ao executivo açoriano, restam as obrigações do reconhecimento e da responsabilidade. Reconhecimento, porque cai sempre bem relevar e agradecer a nobreza do altruísmo dos homens de eleição. Responsabilidade, porque compete ao Governo prosseguir e ampliar uma intervenção cultural, sempre pautada pelo acerto e pelo dinamismo. Neste particular, contamos com a capacidade do Senhor Diretor do Museu de Angra do Heroísmo, portador de competências de gestão cultural. De resto, é a instituição museológica terceirense que mais beneficia com esta dádiva, pois acrescenta a valência da arte contemporânea à riqueza das suas demais existências.

Angra do Heroísmo, 28 de agosto de 2020

Avelino de Freitas de Meneses
(Secretário Regional da Educação e Cultura)



INQUIETAÇÕES IMPREVISÍVEIS

Numa primeira visita ao *atelier* do Pintor Enrique Valero, em 1989, o cheiro dos óleos, as cores dos pigmentos, o toque e o som do pincel sobre a tela e todo aquele cenário, mexeram comigo. Um desassossego, talvez por eu andar à procura e achar. Encontrar o que buscava como um encontro com algo de que se gosta e apetece voltar a ver. Que desperta os sentidos do que somos.

Depois de aprender a manejar as ferramentas, os materiais e as suas combinações e a preparação dos suportes da pintura, lentamente entendi que pintar é um modo de pensar com as mãos. E, como se sabe, é muito difícil ensinar a pensar. É difícil para os pintores, talvez não para os filósofos, que tenham essa vocação. Mas não se aprende a criar, aprende-se a fazer.

A aquisição de conhecimentos ajuda, mas interpretar e integrar conhecimentos é outro trabalho. Outro trabalho mais fino, pensar leva tempo e cada um pensa diverso.

E o que somos, a pintura acaba por não esconder. Como dar e apertar as mãos, abraçar, beijar. Como quando estamos inteiros em tudo. Inteiros nas surpresas e nas coisas do mundo.

Mais tarde, a pintura fica na cabeça e não nos larga, passa a ser uma necessidade, como uma dependência de um vício. Uma das maiores alegrias é a ilusão de que o tempo é todo meu, todo o tempo no *atelier* fora do resto do mundo, até à fadiga da própria alegria.

Na pintura, muitas vezes o gesto passa à frente do pensamento e leva a melhor. O que foi pensado pede outro caminho, outro gesto, outro traço que pede outro. É a pintura que passa a mandar, não o pintor.

Como as crianças que não deixamos de ser, as artes têm caprichos. Para os artistas o melhor é tratar bem da criança que têm dentro. A criança curiosa e travessa que esventra os brinquedos para ver o que há por dentro. A criança não se cansa de perguntar, que é o que faz a arte.

Como uma tentação, a pintura não larga o pintor depois de começar os primeiros traços. É o impulso de ver até onde chega. Como a medir do que somos capazes. Depois de nascer, como vai crescer, o que virá a ser? A pintura exige e pede muito. Até à ousadia do artista a emancipar e a libertar para a vida. Ao encontro de espanto do fim da obra. Mesmo que ela peça mais, nessa liberdade o artista partilha a sua arte. Deixa de ser só sua, para poder ser de quem pára para a ver e a deseja.

No percurso de engendrar uma obra surgem obstáculos, dúvidas, inquietações imprevisíveis. Muitas vezes é a altura de o artista se afastar, a distância ajuda a ver o todo, o desvio do caminho. A distância do tempo.

Também há destruição na construção de uma obra. A destruição como correcção de um estorvo, do dispensável. Refazer no caminho da leveza. De soltar amarras. Tudo se transforma sem se perder. Também os escritores pintam com a cor das palavras, as palavras que dão nome às cores. E em arte pública, o escultor não tem corpo para o corpo da arte. A dimensão e o peso ficam no desenho do papel e na maquete, como representação da obra. São precisas outras mãos para erguer a escultura.

E volta sempre a antiga e sem resposta pergunta, o que é a arte? O que chamamos de arte? Será o restrito propósito assinado por quem tem atributos de artista? De quem cria o objecto de arte e suporta as críticas? A arte continua por definir. E, no fim, a arte nos faz parar.

Para Santayana, "a arte nunca precisou de uma base ou motivo prático nem de uma função intelectual, social ou religiosa. Entre os gregos, a ideia de felicidade era estética, a de beleza era moral; e isto não porque os gregos estivessem confundidos, mas por que eram civilizados".

Não é fácil o caminho para os artistas, surpreender, inovar e desencadear uma emoção, num mundo esgotado de emoções. Com a morte da arte sempre adiada, os segredos não se esgotam. E o artista só pode tentar avançar ao encontro de um renovado espanto, como escrevi na altura.

São diversos os materiais usados na prática da pintura. Quase todas as superfícies podem servir de suporte, a rocha, a madeira, o muro, a tela, os metais, o vidro, o plástico, o corpo e quantos mais. E os pigmentos podem misturar-se por meio de água, colas, resinas, gomas, óleos e outros materiais.

Em tudo no mundo, há cores que contam histórias e se movem com a luz. Há cores por descobrir e há formas a nascer, há novas dimensões do espaço e do tempo, não se conhece a extensão do universo.

Para Otto Piene, ainda há futuro: "As artes deverão explorar outros recursos, o vento, o sol, o oceano, as propriedades termais da Terra. A arte celeste vai salientar a dimensão aberta dos extratos e do espaço para onde a espécie humana vai emigrar. As emissões artísticas enviarão para os espectadores do céu sinais que formarão uma rede global. Na Terra, uma arquitectura antropomórfica celebrará as imagens favoritas dos homens e das mulheres".

Enquanto esse futuro não chega, nesta exposição, os suportes são tela e madeira com pintura, de técnica mista, óleos sobre acrílicos.

Os quadros de pintura sobre tela fazem parte de um tema a que foi dado o nome genérico de *Breviário Açoriano*, com representação de alguns motivos ligados à comemoração e festejos relativos ao culto do Espírito Santo, por crentes e pagãos. E o Poeta Emanuel Félix afirma: "Como quase todas as celebrações religiosas, a do Paracleto também trouxe consigo um vasto conjunto de expressivos elementos estéticos, das artes visuais à música, da dança à poesia, juntas no espaço e no tempo. Há uma estética na grandiosa teatralidade do Imperador que recebe o favor divino e o retribui em dádivas à comunidade".



Nos festejos que aqui se representam, o Imperador convidou várias personalidades, das artes e das letras, alguns com os trajes festivos de foliões, com as suas vozes e seus instrumentos. No retrato de uma personagem, com os seus infindos pensamentos, sentimentos, resta só uma imagem. Fica só uma lembrança daquele ser humano, num único momento.

Às peças com pintura de técnica mista sobre madeira, foi dado o título de *Sinais da Matéria*. Os suportes apresentam-se com diversas formas geométricas, oval, circular, semicírculo, quadrado, retangular, triângulo, losango. Em 1998, escrevi que a madeira se assume não somente como mero suporte da pintura, mas fazendo parte do objecto de arte, com a renda dos seus vasos e dos seus nervos, com os sinais da matéria.

Nestes *Sinais da Matéria*, o autor tenta apresentar um alfabeto de figuras que vibram quando lhes dá cor. Signos e símbolos-arquétipos, alguns do imaginário e inconsciente colectivo.

E a propósito desta pintura sobre madeira, o Pintor Fernando de Azevedo escreveu: "Não é de desvendar a grafia secreta, criptogâmica, metida na cor, na própria carne da forma. Emblemas, símbolos, uns vindo do fundo dos tempos, outros bem próximos. Ao aparecerem as imagens, por vezes, são-no menos trazidas pelo acontecer do gesto, do que por uma espécie de orvalho, gota a gota, que sugere aquele outro, primordial, que desce sobre a terra como esperada presença do Espírito Divino, caro aos crentes de cabalas e de alquimias".

No acto de doação desta Galeria de Arte Contemporânea ao Museu de Angra do Heroísmo, da tutela da Direcção Regional da Cultura e da Secretaria Regional da Educação e Cultura, do Governo da Região Autónoma dos Açores, dedico esta exposição aos Ilustres Artistas, Poeta Emanuel Félix (1936-2004) e Pintor Fernando de Azevedo (1923-2002) e a todos os meus Concidãos.

Ladeira Grande, Julho de 2020

Dimas Simas Lopes

Nota: o Autor opta pela grafia anterior ao Acordo Ortográfico.



Pormenor de *Sinais da Matéria XXX*, 1998-2019, de Dimas Simas Lopes, Coleção MAH.

OS SÍMBOLOS SÃO A NOSSA ÚNICA CERTEZA

E quando é que os tempos não foram incertos? A história dita que foi o recurso à simbologia que ensinou o Homem a lidar perante a incerteza do Universo e da Natureza. São as simbologias que acalentam e acariciam os males da humanidade e os transformam em inevitabilidade e esperança. Ciclos que se repetem de calamidades e de bonanças nos ventos que se caracterizam, neste milénio, como “líquidos”, em que nada é feito para durar, nada é feito para ser sólido. Ser irredutível é confinar e amofinar. Creamos na era digital, na individualidade e no corpo. Fazemos autorretratos compulsivos a que chamamos de *selfies* e que nos fazem acreditar naquilo que não somos. Abandonamos o corpo real para nos mirarmos no espelho narcísico. Apaixonamo-nos pelo reflexo e pela imagem, mas não pela pessoa que está dentro de nós. É imperioso regressarmos às analogias, à espiritualidade e aos símbolos que nos trazem o lastro da nossa verdadeira identidade. Precisamos deles, não só enquanto forma de linguagem dentro do grupo, mas, sobretudo, porque são uma forma de autoconhecimento. Conectam-nos às origens de todos os acontecimentos. Os símbolos são a nossa única certeza. Nada mudou. Só mudou a nossa forma de morrer. Mais sós.

Nos tempos que correm, assistimos a várias transformações políticas, sociais, económicas e tecnológicas. A internet dá-nos pistas metalinguísticas para nos afastarmos cada vez mais dela. Também ela é detentora desse repositório analógico, convertido em digital. Ela dá-nos o espelho da nossa depressão e da necessidade da nossa superexposição como um imperativo do parecer em vez do ser. Ansiedade, pânico, compulsão, acumulação, somatização, são sintomas desta sociedade doente. Falta o tal lastro da espiritualidade e da leitura dos sinais que convencionámos. A ideia de progresso é uma ameaça.

Culpamos sempre alguém ou alguma conjuntura. Primeiro, foram os artistas que se afastaram do público, depois foi o público que não compreendeu os artistas. Depois foi o fantasma da fraude da arte contemporânea que acalentou sobre si mesma o fim da arte. Depois o regresso do figurativismo, do hiper-realismo e agora, talvez, a busca da espiritualidade perdida nos meandros dos nossos próprios despojos. O tal resto a que Baudrillard se referia quando afirmava que era o que ficava depois de se tirar tudo. E nós vivemos no resto. No que resta de nós, enquanto comunidade que faz especulação de mercado, que trata da competição e do desgaste. Sociedade em *burnout*. E a arte sabia disso. Na sua verdade, a arte sabia e retratou-nos e esbofeteou-nos com essa sua verdade e... nós não gostámos. Não gostámos da forma como fomos expostos perante a incredulidade dos críticos. Nós não gostámos da arte que produzimos no nosso tempo, que afinal era o tempo dela, porque também deixámos de gostar de nós! E a arte sabia disso, antecipou-se a tudo isso, mas, como não tem o dom da moral, mais não fez do que simplesmente existir e não nos deixou de sobreaviso.

Só os sinais resistiram! Os símbolos e os seus significados permaneceram à laia de palimpsestos. Eles estão atrás da porta e espreitam e sussurram baixinho por cima do nosso ombro, quem fomos, quem somos e quem poderemos ser. Só os símbolos não deixaram o Homem ao relento da espiral dos tempos. Tudo é símbolo e analogia, como gritou o poeta Pessoa, porque tudo é passível de ser interpretado, de ser aquilo que não é, de ir mais além do que aquilo que é! Mas como ir contra ao que se produz no tempo? Não, não podemos. Toda a materialidade é filha do seu tempo e reflexo dele, primeiro porque cada época tem de encontrar a sua forma de expressão, depois porque a vontade artística acaba por comandar a época em que a obra foi feita.

As pinturas de Dimas Simas Lopes surgem dessa vontade de trazer à luz esse tempo, não feito de restos, mas de espiritualidade, manifestando um lado que permanece e enaltece o mundo e a Humanidade. São as *Simbologias* divididas em dois grandes grupos de obras: o dos retratos e dos referentes, a que deu o nome de *Breviário Açoriano*, datado de 2007, com ligeiras alterações efetuadas em 2019, e o da matéria e dos sinais nela contidos, a que deu o nome de *Sinais da Matéria*, datado de 1998, também alvo de intervenções no ano de 2019. Nestes dois grupos de obras, Dimas Simas Lopes julga ter conseguido a súplica do Universo e dos seus mistérios: as geometrias, os sinais e a interpretação desses sinais estão presentes nessa exposição. A obra de arte manifesta uma dimensão espiritual, na medida em que não existe apenas na sua materialidade. Tende-se a alcançar um conhecimento supra-real e sensível, de interioridades e individualidades subjetivas.

São dois lados da mesma moeda. Duas fases do pintor, que ora se mostram.

Nas pinturas abstratas, há o sinal e as geometrias que tocam o campo do simbólico, mas também há o simbólico figurativo, só que, neste caso, é um figurativo que representa algo diferentemente daquilo que é. E há sinais da matéria, há matéria e o seu peso físico e há também a leveza dos sinais, ténues e indefinidos. Tal como a via láctea é um sinal da matéria, através da destruição da mesma, a pintura de Dimas Simas Lopes aparece à luz do dia em formas de cor e de tinta e de ouro. Não há matéria sem luz. A incapacidade de os cientistas encontrarem matéria na escuridão dá-nos a certeza de que os sinais da matéria são luminosos e que o Homem busca a luz, sempre a luz.

E depois há o retrato e o referente da figura anónima. Os retratados que o pintor admira e tem por amigos. Os retratos em tríade são as trindades do espírito. São homenagens aos homens na festa pagã do Espírito Santo e, por isso, surgem vestidos de foliões com todos os seus instrumentos, símbolos e cores. A teatralização dos seus ídolos, emparelhados no tempo e no espaço, como se participassem do banquete celestial.

De tudo o que aqui vemos nesta exposição, e apesar de termos algumas certezas do que pretendem representar, parece-nos mais assertivo elencar o que não são: não há frio, somente o fogo e o calor dos

amarelos e dos vermelhos e dos ocre; não há paisagem, somente o retrato, o referente, o humano, seus objetos e seus símbolos; não há o caráter utilitário dos objetos, mas e tão-somente a personificação do culto; não há o abstrato, no sentido de forma vazia e despreziosa, mas sempre a forma simbólica, a espiritualidade, o signo e o seu significante; não há o simétrico e o regular, mas o caos do Universo; não há o *spleen* ou o vazio da alma do fim do século, mas a esperança renovada na dúvida inadiável; não há o niilismo que tudo destrói e uniformiza, mas a aprendizagem da submissão das nossas paixões; não há o imediato, mas o desconforto do espanto no mistério; não há ruído, mas o silêncio necessário para a observação dos sinais; não há o traço imperativo do desenho, mas melancolia da tonalidade e a sedução do pincel.

E há o bezerro, com suas boninas de papel, que pontuam no quadro, de matizes bonnardianas. O bezerro, esse animal sagrado, também símbolo de pureza, a comer nos pastos verdes sem peias, que troteia e se deita nos fartos tufos, longe da nossa voracidade. Pensamos perante o quadro, e apenas por breves instantes: como somos capazes de ser tão cruéis?

Esta exposição mostra-nos também que somos audazes e que produzimos uma iconografia açoriana, porque temos uma identidade e uma cultura próprias. Embora outras formas e símbolos nos liguem a uma cultura global, ancestral e comum, tais como as geometrias e a representação do fogo, sabemos que aquele fogo que aqui está presente é o fogo do Espírito Santo e que o imperador é a representação da nossa capacidade de ainda sabermos dar as mãos, unidos no tempo e no espaço, e de nos lembrarmos de que ainda há esperança, nesses ventos que insistimos em afirmar como incertos.

Angra do Heroísmo, julho de 2020

Assunção Melo

Simbologias

Breviário Açoriano

Ouro sobre Fogo
Técnica mista s/ tela
102 x 122 cm
2007-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes



O Fogo do Espírito Santo

Técnica mista s/ tela

180 x 46 cm

2007-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes

*O Imperador e Convidados, Pomar,
Dacosta, Pessoa e o Autor em Pequeno*

Técnica mista s/ tela

200 x 80 cm

2007-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



*Manuel Machado, João de
Melo e Onésimo Teotônio
Almeida, Fardados de Foliões*

Técnica mista s/ tela

200 x 80 cm

2007-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



*Vamberto Freitas, Emanuel
Félix e Álamo Oliveira
Fardados de Foliões*

Técnica mista s/ tela

200 x 80 cm

2007-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



O Bezerro do Espírito Santo e Toiro

Técnica mista s/ tela

180 x 46 cm

2007-2019

Coleção do Autor

*E há o bezerro, com suas boninas de papel, (...) a
comer nos pastos verdes sem peias, que troteia e se
deita nos fartos tufos (...)*

Assunção Melo





Trio Antero, Dacosta e Nemésio

Técnica mista s/ tela

180 x 46 cm

2007-2019

Coleção do Autor



Folhões I

Técnica mista s/ tela

180 x 46 cm

2007-2019

Coleção do Autor

Pomba do Espírito Santo
Técnica mista s/ tela
196 x 86 cm
1995-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes



Folhões II

Técnica mista s/ tela
100 x 100 cm
2007-2019
Coleção do Autor



O Celebrante

Técnica mista s/ tela
90 x 45 cm
2007-2019
Coleção do Autor



Em Homenagem a Dacosta I

Técnica mista s/ madeira

62 x 62 cm

2007-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



Em Homenagem a Dacosta II

Técnica mista s/ madeira

62 x 62 cm

2007-2019

Coleção do Autor



Pomba I

Técnica mista s/ madeira

62 x 62 cm

2007-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



Pomba II
Técnica mista s/ madeira
62 x 62 cm
2007-2019
Coleção do Autor



Simbologias

Sinais da Matéria

Sinais da Matéria, Ovo
Técnica mista s/ madeira
40 x 58 cm
1998-2019
Coleção do Autor



Sinais da Matéria I

Técnica mista s/ madeira
10 x 50 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria II

Técnica mista s/ madeira
10 x 50 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria III

Técnica mista s/ madeira
26 x 30 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

I



II



III





IV

Sinais da Matéria IV

Técnica mista s/ madeira
20 x 40 cm
1998-2019
Coleção do Autor

Sinais da Matéria V

Técnica mista s/ madeira
40 x 20 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes



V



VI

Sinais da Matéria VI

Técnica mista s/ madeira
30 x 60 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria VII

Técnica mista s/ madeira

Ø 50 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria VIII

Técnica mista s/ madeira

60 x 30 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



VII



VIII



IX



X

Sinais da Matéria IX

Técnica mista s/ madeira

30 x 30 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria X

Técnica mista s/ madeira

50 x 25 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XI

Técnica mista s/ madeira

20 x 40 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



XI



XII

Sinais da Matéria XII

Técnica mista s/ madeira

40 x 20 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XIII

Técnica mista s/ madeira
Ø 20 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XIV

Técnica mista s/ madeira
Ø 40 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XV

Técnica mista s/ madeira
30 x 30 cm
1998-2019
Coleção do Autor

Sinais da Matéria XVI

Técnica mista s/ madeira
30 x 30 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XVII

Técnica mista s/ madeira
34,5 x 40 cm
1998-2019
Coleção do Autor



XIV



XIII



XVII



XV



XVI

Sinais da Matéria XVIII

Técnica mista s/ madeira

50 x 25 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XIX

Técnica mista s/ madeira

25 x 50 cm

1998-2019

Coleção do Autor

Sinais da Matéria XX

Técnica mista s/ madeira

Ø 30 cm

1998-2019

Coleção do Autor



XIX



XVIII



XX

Sinais da Matéria XXI
Técnica mista s/ madeira
30 x 60 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XXII
Técnica mista s/ madeira
25 x 50 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes



XXI



XXII



XXIII



XXIV

Sinais da Matéria XXIII

Técnica mista s/ madeira

40 x 40 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XXIV

Técnica mista s/ madeira

20 x 20 cm

1998-2019

Coleção do Autor

Sinais da Matéria XXV

Técnica mista s/ madeira

43,5 x 50 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



XXV



XXVI

Sinais da Matéria XXVI

Técnica mista s/ madeira

52 x 60 cm

1998-2019

Coleção do Autor

Sinais da Matéria XXVII

Técnica mista s/ madeira

Ø 60 cm

1998-2019

Coleção MAH

Doação de Dimas Simas Lopes



XXVII

Sinais da Matéria XXVIII

Técnica mista s/ madeira
15 x 30 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

XXVIII



Sinais da Matéria XXIX

Técnica mista s/ madeira
15 x 30 cm
1998-2019
Coleção do Autor

XXIX



Sinais da Matéria XXX

Técnica mista s/ madeira
20 x 40 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XXXI

Técnica mista s/ madeira
17,5 x 20 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XXXII

Técnica mista s/ madeira
10 x 20 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

Sinais da Matéria XXXIII

Técnica mista s/ madeira
10 x 20 cm
1998-2019
Coleção MAH
Doação de Dimas Simas Lopes

XXX



XXXI



XXXII



XXXIII





XXXIV



XXXV



XXXVI



XXXVII

Sinais da Matéria XXXIV

Técnica mista s/ madeira
20 x 10 cm
1998-2019
Coleção do Autor

Sinais da Matéria XXXV

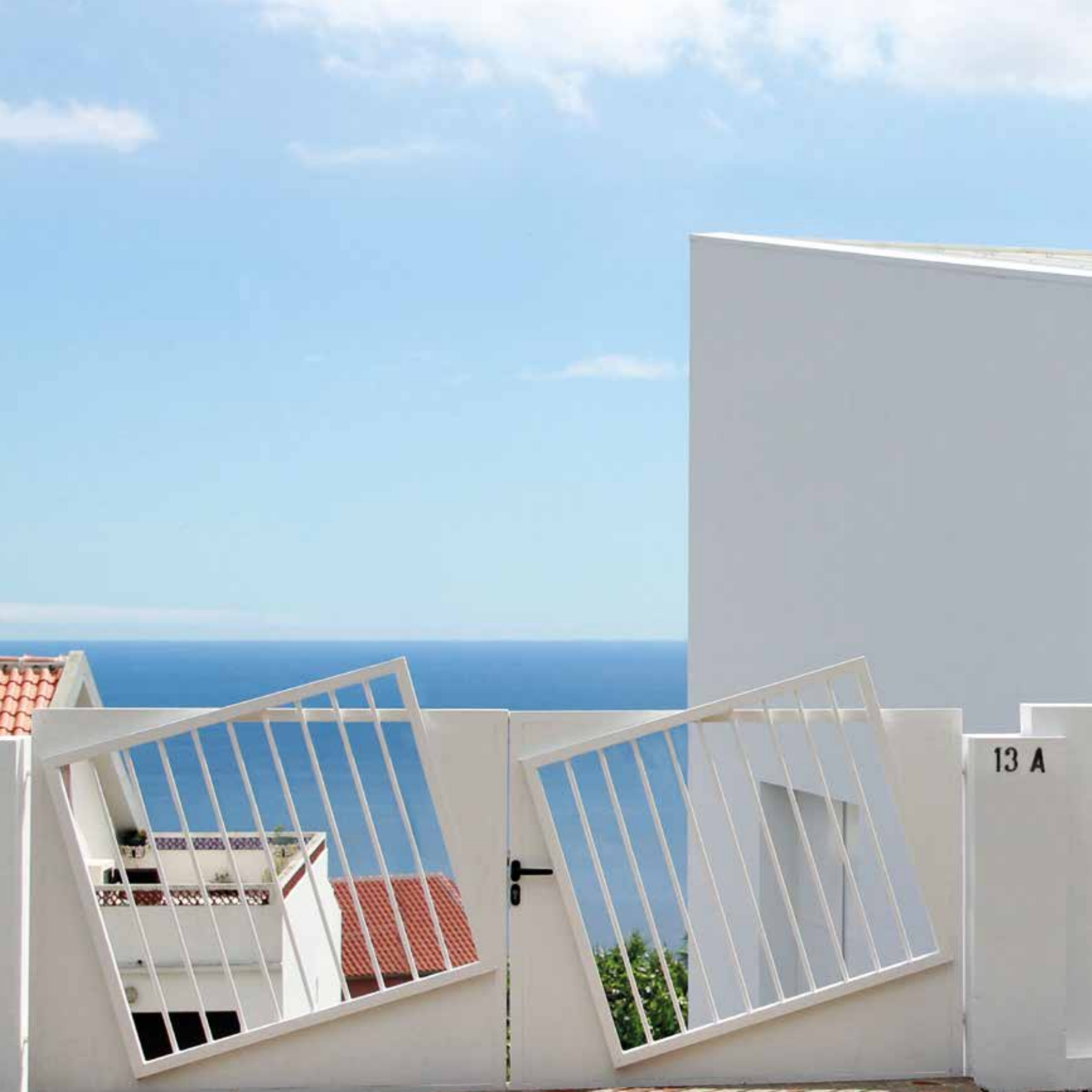
Técnica mista s/ madeira
30 x 10 cm
1998-2019
Coleção do Autor

Sinais da Matéria XXXVI

Técnica mista s/ madeira
20 x 10 cm
1998-2019
Coleção do Autor

Sinais da Matéria XXXVII

Técnica mista s/ madeira
20 x 10 cm
1998-2019
Coleção do Autor



13 A

The image shows a modern architectural structure. The lower portion is a large, plain white wall. Above this wall, there is a section with a glass facade, possibly a skylight or a viewing platform, with a dark frame. The sky is blue with some clouds.

CARMINA
GALERIA
de arte contemporânea



CARMINA – A GALERIA

Primero nascia uma oficina desafogada para escultura e pintura. Os primeiros rabiscos iam nessa direcção. Mas aconteceu que o cavalo perdeu as rédeas, um destrambelhamento, que virou galeria e se não lhe meto, a tempo, o freio, ainda acabava em fundação... E ficou no meio, isto é, em galeria. E para não me voltar a perder nos riscos e nas rectas, falei com o Paulo Henrique Mendonça para architectar. As minhas traves-mestras eram a concepção e construção de um edifício com traça, materiais e tecnologia do nosso tempo para receber e mostrar as mais diversas expressões de arte contemporânea. E que o continente recebesse com propriedade o conteúdo como um casaco que assenta bem no corpo.

Com as plantas e os desenhos de obra, fruto do trabalho e do talento do projectista, iniciou-se a via dolorosa das licenças, dos seguros, dos contratos, dos materiais, dos homens, dos caprichos, do tempo e do dinheiro...

Um caminho de curvas e obstáculos. Até estes dois espaços de exposições semelhantes a dois cubos à espera de cumprir a missão para que foram construídos, que é disponibilizar, para apreciação, arte que tenha ambição, de qualidade, à altura da exigência do nosso tempo e capaz de despertar e motivar novos públicos.

Nos atributos de uma moderna e ampla cidadania, cabe perfeitamente o acesso totalmente alargado de novos públicos ao usufruto da educação, da ciência, da arte, da cultura do presente e do futuro. Vale apostar no casamento da qualidade da arte com novos apreciadores que possam experimentar e fruir novas sensações nos espaços onde vivem e trabalham. Certamente, nas casas onde se vive, nas empresas onde se trabalha, nos lugares públicos que se frequenta, as peças de arte enriquecem e melhoram as relações humanas tornando menos penosa a dureza da vida.

A galeria mantém-se em contacto com artistas e galerias dos Açores e do Continente, com provas dadas, com objectivo de manter um calendário de exposições regular ao longo dos anos. E desejam-se parcerias com outras galerias, empresas diversas, comércio e indústria, novas tecnologias, entidades particulares e entidades oficiais no sentido de uma saudável relação e colaboração.

Numa programação que se pretende abrangente, as mais diversas linguagens e expressões artísticas e eventos de cultura estão contemplados: pintura, escultura, desenho, fotografia, *design*, cerâmica, gravura, serigrafia, videoarte, instalação, *happenings*, *performance art*, artes decorativas, exposições de juventude. Com a preocupação de um modo eclético e coerente, o espaço da galeria tem potencialidades de promover instalações relacionadas com a moda, o automóvel, o mobiliário, a joalharia, assim como ciclos de música contemporânea, clássica, *jazz*, lançamento de livros, debates, conferências.



Paralelamente, disponibilizam-se exemplares de cerâmica, vídeo, metais, artes decorativas, gravura, serigrafia, livros.

No bar da galeria, pode-se merendar, tomar um bom vinho desta e de outras regiões, conversar tranquilamente e desfrutar de uma esplêndida paisagem, desde o Monte Brasil aos Ilhéus do Porto Judeu.

São os diversos e complementares aspectos de uma dinâmica cultural actual que podem ter cabimento na vida e vocação de uma galeria moderna.

A Ilha Terceira merece um espaço, construído de raiz, para funcionar simultaneamente como galeria de arte e bar cultural. É um projecto novo e preocupado com a elegância de dar a observar, mostrar, relacionar a interdisciplinaridade das artes e outras actividades, enquanto acontecimentos de ciência, de tecnologia, de arte, com vista à colaboração na discussão e aprofundamento de um pensamento contemporâneo de cultura.

Julho de 2004

Dimas Simas Lopes

Texto de apresentação do site www.carminagaleria.com





Primeiro nascia uma oficina desafogada para escultura e pintura. Os primeiros rabiscos iam nessa direcção. Mas aconteceu que o cavalo perdeu as rédeas, um destrambelhamento, que virou galeria (...)

Dimas Simas Lopes

CARMINA GALERIA DE ARTE CONTEMPORÂNEA: UM SONHO, UMA HISTÓRIA...

A Carmina Galeria de Arte Contemporânea nasce de um sonho. De um sonho ténue que, aos poucos, se foi tornando mais nítido aos olhos do seu sonhador. Primeiro, a ideia de reunir obras e artistas – a criação, segundo, a concretização de um espaço que albergasse essas obras e esses pensamentos – o edifício. Do sonho de Dimas Lopes, depressa se passou à ação e a ação exigia meios e trabalho, muito trabalho, mas como nunca foi homem de ter medo de meter as mãos na massa, o edifício cresceu, lá no sítio onde havia um terreno disponível. Ao lado de sua casa, no Outeiro do Galhardo, na Ladeira Grande da Feteira. Estupefactos, os vizinhos viam surgir os ângulos desse sonho sonhado e concretizado, sim porque a ação faz parte do *métier* de médico, de pintor e de escritor, facetas de um único homem.

No ano de 2004, surge então a Carmina Galeria. Um edifício com cerca de 300 metros quadrados com risco de Paulo Henrique Mendonça e *design* de mobiliário de Francisco Cunha. Uma homenagem à sua mãe, uma declaração às artes do tempo presente e também do futuro. No seu tempo e fora dele, a Carmina Galeria não nasceu de meias-medidas e foi concebida para a realização de exposições e eventos que elevassem a fasquia do mero existir. O público haveria, de uma forma ou de outra, de lá ir. Apesar de ser uma galeria, o que implicava a exposição e venda de obras de arte, Dimas Lopes sempre primou pela oferta cultural de eventos de entrada gratuita, abrindo sempre a possibilidade a outras áreas de atuação como a ciência e a tecnologia.

Comprometidos a aprender coisas novas e enfrentar desafios, começámos a trabalhar naquilo que se viria a tornar o espaço, combatendo o comodismo e o sofá no mês de abril daquele ano. A 17 de julho, abriam-se as portas de um edifício construído de raiz que funcionou, no início, como galeria e bar cultural – o *Chico Bento Botequim* e também uma loja de *souvenirs*. O projeto foi apresentado como distinto e indo ao encontro dos interesses de um público informado e inconformado, com vista a uma dinâmica de pensamento contemporâneo de cultura. Pretendeu-se, desde o início, estabelecer uma relação direta entre os vários agentes culturais, potenciando, desse modo, projetos teórico-práticos, conferências, debates, convívios e cursos que fomentassem uma pesquisa mais elevada da cidadania, enquanto aprofundamento antropológico do Homem como um animal político, cultural e social.

O público-alvo também estava definido no texto inaugural: “Todos os interessados nos acontecimentos culturais, sociais, tecnológicos, científicos, procurando-se uma resposta mais eficaz e dirigida ao público escolar, tendo em vista a formação de públicos futuros, mais assíduos e dinamizadores de actividades culturais. Deste modo, o nosso público terá acesso a um espaço dedicado ao lazer, ao deleite artístico, fomentando sempre o convívio agradável e pedagógico. Diversificando e estimulando o nosso programa com alguma dose de entusiasmo e originalidade, aproximaremos o nosso público



de questões de índole cultural relacionadas com o entendimento da produção cultural actual, abrindo novos canais comunicativos simultâneos com os acontecimentos do mundo"¹.

Inaugurado o edifício, esclarecido o seu propósito, definido o público-alvo, era necessário partir para uma programação anual consistente. Assim, primou-se pela atualidade dos temas e das linguagens artísticas propostas, coerência do discurso expositivo, a criação de um *portfolio* de artistas residentes e convidados, o carácter multidisciplinar da programação e também uma preocupação pedagógica da nossa intervenção, apostando na divulgação através da comunicação social escrita e audiovisual, conferências de imprensa, na promoção da vinda de artistas, críticos de arte, de modo a que a galeria também fosse conhecida no exterior. Foram impressos convites, catálogos, folhetos; foi enviada correspondência eletrónica direcionada para uma lista de contactos, que foi sendo alargada ao longo dos anos; foi criada uma página na internet com *webdesign* da ViaOceanica, que funcionou e ainda hoje funciona como arquivo e memória das exposições, dos artistas e dos eventos lá ocorridos; foi criada, mais tarde, uma conta de facebook, etc. Os responsáveis por esta programação foram o seu proprietário, Dimas Lopes², e Assunção Melo³, sendo ajudados para as questões logísticas, administrativas e de manutenção do espaço por Cathleen Sales. O logótipo⁴, o *design* gráfico dos convites e dos catálogos, bem como a montagem de exposições estiveram a cargo de Rui Melo.

Há que referir que, desde o início deste projeto, se promoveram parcerias com as mais variadas instituições culturais e sociais, tais como a Direção Regional da Cultura, Instituto Açoriano de Cultura, Museu de Angra do Heroísmo, Conservatório de Angra do Heroísmo, UMAR, Direção Regional das Comunidades, Casa da Cultura da Terceira, Companhias de Teatro, Escolas profissionais, Associação Cultural Burra de Milho, Ginásio Baía Fitness, e também parcerias que, a título individual, apenas motivadas pelo amor e dedicação aos outros, tornaram possível realizar mais de noventa eventos no espaço temporal de oito anos em que esteve aberta ao público.

O seu horário de funcionamento, de quarta a domingo, das 16h00 às 21h00, tinha o propósito de permitir visitas em horário pós-laboral e também aos fins de semana, impedindo assim as desculpas habituais. O local, a cinco minutos de Angra, por vezes tornava-se longínquo demais. Lembro de muitas vezes o Dr. Dimas ser questionado acerca da opção pela freguesia da Feteira, ao que ele respondia que, infelizmente, não tinha um quintal na Rua da Sé.

A programação era efetuada no último trimestre de cada ano e constava, numa média, de cinco exposições individuais ou coletivas e sete eventos culturais diversos. No total dos oito anos, realizaram-se quarenta e três exposições de artes plásticas e performativas e cinquenta eventos, perfazendo um total de noventa e três ocorrências, de 17 de julho de 2004 a 31 de março de 2012, e que trouxeram à galeria público e ânimo. Aqui acorriam pessoas de todas as idades, *habitués* ou não, todos eram muito bem-vindos!

Angra do Heroísmo, julho de 2020

¹ Texto de Dimas Lopes para o site www.carminagaleria.com.

² Proprietário e gerente.

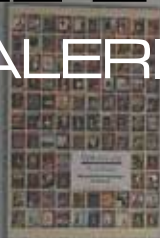
³ Curadora e coordenadora de eventos e exposições.

⁴ Vide p. 49.

Assunção Melo

CRONOLOGIA

CARMINA GALERIA



2004

17 de julho

Inauguração da Carmina
Galeria e da Exposição
Individual de Pintura e
Escultura
Dimas Simas Lopes

23 de outubro

Poesia
Miragatos Objectos de Culto
Belarmino Ramos
Miragatos
Video - 3 documentários
*Os Aspectos da Ruralidade
na Contemporaneidade*
Paulo Henrique Silva

13 de novembro

Exposição Coletiva de Pintura e
Escultura
Artistas Residentes
**Cecília Ribeiro, Dimas
Simas Lopes, Francisco
Cunha, José Espadinha,
José Guedes da Silva,
José Nuno da Câmara
Pereira, Pedro Fortuna,
Renato Costa e Silva, Rui
Melo**

27 de novembro

Recital de Poesia e Música
**Belarmino Ramos,
Humberta Beirão e
Victor Castro**

18 de dezembro

Cinema
Jacques Tati – *Play Time* –
Vida Moderna



Logótipo criado por Rui Melo, 2004.

2005

29 de janeiro

Música
Quinteto Charamba
**José João Silva
Lázaro Silva
Júlio Silva
Vitor Lima
Francisco Rocha**

19 de fevereiro a 27 de março

Exposição Individual de Escultura
Inside Out
**Cláudio Moraes
Sarmento, IAC**

26 de fevereiro

Cinema
Jacques Tati – *Festa na
Aldeia*

26 de março

Poesia
Poemas de Ponta e Mola –
Poesia portuguesa satírica
Gonçalo Oliveira

2 de abril

Exposição Individual de Pintura
e Escultura
*A Contemplação Carinhosa
da Angústia*
José Espadinha

30 de abril

Cinema
Jacques Tati – *Mon Oncle*

28 de maio

Literatura
Lançamento do livro
O Acidente
**Mário Cabral, Casa da
Cultura da Terceira**

28 de maio a 31 de julho

Exposição Individual de Desenho
*Eudemim: O Retorno ao Belo
(Sinestésias)*
**Mário Cabral, Casa da
Cultura da Terceira**

18 de junho

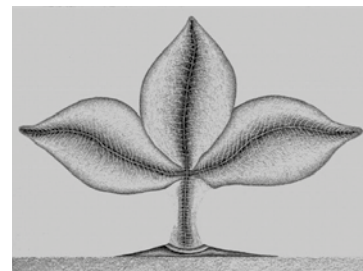
Música
Fado de Coimbra
**Rui Providência, Carlos
Almeida, Pedro Amaral**



Gárgulas, técnica mista s/ poliuretano, 26 x 34 x 17 cm,
Dimas Simas Lopes, 2004.



Inauguração da Exposição Coletiva de Pintura e
Escultura, *Artistas Residentes*, 2004.



Floating Figure, lápis s/ papel, 42 x 29,7 cm, in
A Contemplação Carinhosa da Angústia, José
Espadinha, 2005.



Inauguração da Exposição Individual de Desenho,
Eudemim: O Retorno ao Belo (Sinestésias), Mário
Cabral, Casa da Cultura da Terceira, 2005.



Inauguração da Exposição Coletiva dos Artistas das Comunidades Portuguesas, *Cores Míticas da Ilha*, 2005.



Recital de Guitarra Clássica, Victor Castro, 2005.



Música de Cabo Verde, Óscar Reis e António Neves, 2005.



Inauguração da Exposição Individual de Pintura, *Mundo Pequeno*, Eduardo Carqueijeiro, IAC, 2006.

2005

3 a 7 de agosto

Dança
Semana da Dança Urbana
Hip-Hop e Beat Box
Baía Fitness

18 a 25 de setembro

Exposição Coletiva dos Artistas das Comunidades Portuguesas
Cores Míticas da Ilha
Direção Regional das Comunidades, Art Coelho, Diogo Pimentel, Joe Lima, Lucy Maria Laurino, Manusan, Marília Daros, Michael Furtado, Miguel Rebelo e Semy Braga

1 de outubro a 4 de dezembro

Exposição Individual de Pintura
Pintura
Rui Melo

29 de outubro

Música
Recital de Guitarra Clássica
Victor Castro

3 de dezembro

Música
Música de Cabo Verde
Óscar Reis e António Neves

10 de dezembro a 5 de fevereiro de 2006

Exposição Individual de Pintura
Interditos
Estelle Cermelli

2006

20 de janeiro

Debate – Mesa-Redonda
Arte e Toureio
José Parreira, Rui Silva, Adalberto Belerique, José Nuno da Câmara Pereira, Fátima Albino e Tertúlia Tauromáquica Terceirense

28 de janeiro

Cinema
Ingmar Bergman – *Saraband*

18 de fevereiro a 19 de março

Exposição Individual de Pintura
Mundo Pequeno
Eduardo Carqueijeiro, IAC

4 de março

Instalação/Performance
In/Out of the Big White Balloon
Andrea Inocêncio, IAC

18 de março

Multimédia
El Silbo Gomero
Silbo Gomero, IAC

25 de março a 14 de maio

Exposição Individual de Pintura
Pintura
Manuel Policarpo

22 de abril

Vídeo
Imagens de Memória
Victor Alves, RTP Açores

2006

5 de maio

Literatura
Livros na Galeria
Parceria com a In folio

Música
Quinteto *Ad Libitum*
Artur Rocha
Francisco Borba
Márcio Cota
Nuno Pinheiro
Paulo Almeida

Debate
Livro Objecto
Carlos Bessa
Hugo Louro Rosa
Paula Quadros
Vasco Pereira da Costa

6 de maio

Poesia Erótica Portuguesa
Erotikus
Gonçalo Oliveira,
C.I.A. – Companhia
Independente das Artes

20 de maio a 23 de julho

Exposição Individual de Pintura
No Snow White For Anyone
José Crúzio

27 de maio

Música
Bossa Nova na Galeria
Valdeci Purim e Duarte
Dores

1 de julho

Música
Recital de Piano e Violoncelo
Grigoriy Grytsyuk e Orest
Grytsyuk

8 de julho

Vídeo
Projeção selecionada de duas
média-metragens: *Zona C1*
e *Chipix*
Jovens cineastas da
Escola Profissional da
Praia da Vitória

2006

15 de julho

Poesia
Uma Questão de Género
Alpendre – Grupo de
Teatro: António Silva,
Dulce Brasil e Rosa
Meireles

29 de julho

Exposição Coletiva de Pintura
Exposição dos alunos dos
cursos de pintura de Estelle
Cermelli e entrega de
certificados de participação
Estelle Cermelli e alunos

5 e 6 de agosto

Dança
II Edição da Semana da
Dança Urbana – Hip-Hop
Baia Fitness, Sara
Nascimento

23 de setembro a 22 de outubro

Exposição Individual de Escultura
Escultura
João Cutileiro, IAC

18 de novembro a 21 de janeiro de 2007

Exposição Coletiva
O Corpo do Toiro
Francisco Bernardo,
João Miguel Borba,
Ramiro Botelho, Mário
Cabral, José Crúzio,
João Cutileiro, José
Espadinha, Dimas Simas
Lopes, Meneses Martins,
Rui Melo, Luís Menezes,
Luz Monjardino,
Hermano Noronha, José
Nuno da Câmara Pereira,
Manuel Policarpo, Cecília
Ribeiro, Paulo Henrique
Silva, Renato Costa e
Silva, Florimundo Soares
e Nuno Velho



I Have Got You Under My Skin, técnica mista s/
papel, 80 x 70 cm, in *No Snow White For Anyone*,
José Crúzio, 2006.



Inauguração da Exposição Individual de Escultura,
Escultura, João Cutileiro, IAC, 2006.



Alunos do curso de pintura de Estelle Cermelli,
2006.



Menina de Bronze e Pedra, João Cutileiro,
in *Escultura*, 2006.



Travesseiro, técnica de lastra, 60 x 45 x 14 cm, in *O Barro e o Sonho*, Cecília Ribeiro, 2006.



Avião Perturba o Culto do Divino Espírito Santo, acrílico s/ tela, 80 x 100 cm, in *Pinturas Recentes*, Carlos Carreiro, 2006.



Manifesto Inaugural da Associação Cultural *Burra de Milho*, 2007.



Inauguração da Exposição Coletiva de Pintura, *Ilhéus e Ilusões*, Miguel Rebelo e Joe Lima, 2007.



Inauguração da Exposição Individual de Fotografia, *Formas de Alma*, Antônio Araújo, 2007.

2007

27 de janeiro a 11 de março

Exposição Individual de Fotografia
Veteporai
Andrea Inocêncio

10 de fevereiro

Cinema
Jonathan Nossiter – *Mundovino*

17 de março a 29 de abril

Exposição Individual de Cerâmica
O Barro e o Sonho
Cecília Ribeiro

5 de maio a 23 de junho

Exposição Individual de Pintura
Pinturas Recentes
Carlos Carreiro

9 de maio

Manifesto
Manifesto Inaugural da
Associação Cultural
Burra de Milho

12 de maio

Literatura
Lançamento do Livro
Albertinho e a Sua Avó
Lígia Bastos

2 de junho

Música
Cantigas de Várias Cores
Bruno Walter e Amigos

30 de junho

Música
Concerto para piano e
violoncelo – Luís de Freitas
Branco, Fernando Lopes
Graça, Joly Braga Santos,
Amílcar Vasques Dias e
Antero Ávila (compositores
portugueses)
**Orest Grytsyuk e
Grygoriy Grytsyuk**

30 de junho a 12 de agosto

Exposição Coletiva de Pintura
Ilhéus e Ilusões
Miguel Rebelo e Joe Lima

2007

22 de setembro a 21 de outubro

Exposição Individual de Escultura
A Talha de uma Vida
Dias Júnior

10 de outubro

Literatura
Lançamento do Livro
*Aventuras de um Nabogador
& outras estórias-em-
-sanduíche*
**Onésimo Teotónio
Almeida**

27 de outubro a 18 de novembro

Exposição Individual de Fotografia
Formas de Alma
Antônio Araújo

3 de novembro

Música
Serão de Música Brasileira
Deka Purim e Duarte Doreis

17 de novembro

Música
Noite de Fado
**Bárbara Moniz, Carlos
Baptista, Liberal
Lourenço, Alberto Toste**

24 de novembro a 6 de janeiro de 2008

Exposição Individual de Pintura
*Percursos na Obra de José
Nuno*
**José Nuno da Câmara
Pereira**

2008

19 de janeiro a 2 de março

Exposição Individual de Pintura
Percursos
Florimundo Soares

8 de março a 4 de maio

Exposição Individual de Pintura
Os Dias da Criação
Dimas Simas Lopes

3 de maio

Poesia
Tributo à Poesia
Pedra-Mó – Grupo de
Teatro da Casa do Povo
dos Altares

17 de maio a 29 de junho

Exposição Coletiva de Pintura
Cores ao Desafio
Manuel Policarpo e Luís
Menezes

5 de julho a 14 de agosto

Exposição Individual de Pintura
Açores
Manoel Barbosa

4 de outubro a 16 de novembro

Exposição Individual de Escultura
e Desenho
Uma Vida de Uma Escultura
Mariana Sousa Ramos

6 de dezembro

Teatro
Os Dias Arrastam-se e as
Noites Também
Pedra-Mó – Grupo de
Teatro da Casa do Povo
dos Altares

2009

10 de janeiro

Debate
Encontro de Artesãos
– Angra Património da
Humanidade
Francisco Maduro-Dias,
Luís Bettencourt, Rui
Melo, moderados por
Antonieta Costa

24 de janeiro a 1 de março

Exposição Individual de Fotografia
HUM
Hermano Noronha

7 de março a 26 de abril

Exposição Coletiva de Pintura e
Escultura
Terra Mulher
Cátia Guimarães, Maria
Ana Simões, Phillipa
Cardoso, UMAR

9 de maio a 7 de junho

Exposição Individual de Pintura
A Journey Not a Destination
Alex da Silva

13 de junho a 12 de julho

Exposição Individual de Fotografia
Água Dure, Pedra Mole
Paulo Garrão

18 de julho

Música
Concerto Acústico
João Félix

25 de julho a 27 de setembro

Exposição Individual de Pintura
Apointamentos do Invisível
José Crúzio

3 de outubro a 8 de novembro

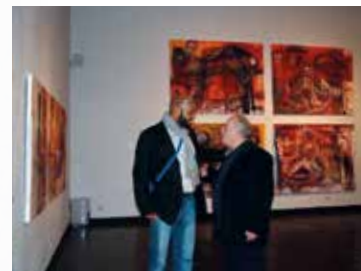
Exposição Individual de Fotografia
e Pintura
À Prova de Fogo e de Bala
Andrea Inocêncio



Açores Corpus, acrílico s/ tela, 30 x 40 cm, in *Açores*, Manoel Barbosa, 2008.



Oh My, acrílico s/ tela, 70 x 80 cm, in *Terra Mulher*, Phillipa Cardoso, 2009, UMAR.



Inauguração da Exposição Individual de Pintura, *A Journey Not a Destination*, Alex da Silva, 2009.



Super-Heroína #3 (Gaia), técnica mista s/ tela, 180 x 128 cm, in *À Prova de Fogo e de Bala*, Andrea Inocêncio, 2009.



Inauguração da Exposição Coletiva, *Revisitar Arte*, 2010.



Inauguração da Exposição Individual de Escultura, *Fragmentos*, Noémia Cruz, 2010.



Inauguração da Exposição Individual de Desenho, *Pontos de Vista*, Emanuel Félix (filho), 2010.



Cartaz da Exposição Individual de Pintura, *Spits Blood, Speech*, José Espadinha, 2010.

Sem Título, terracota com engobe, 24 x 35 x 26 cm,
in *Fragmentos*, Noémia Cruz, 1997.

2009

3 de outubro

Performance
Super-Heroína
Andrea Inocêncio

28 de novembro

Música
Bossa Quintet
Rui Melo, Claudiana
Cruz, Duarte Soares,
Paulo Cunha, Eduardo
Costa

28 de novembro a 7 de fevereiro
de 2010

Exposição Individual de Pintura
FAQS
Rui Melo

2010

13 de fevereiro a 18 de abril

Exposição Coletiva
Revisitar Arte
Dimas Simas Lopes, João
Pedro Barreiros, Joe
Lima, José Crúzio, José
Espadinha, José Nuno da
Câmara Pereira, Manoel
Barbosa, Mariana Ramos,
Miguel Rebelo e Rui Melo

24 de abril a 30 de maio

Exposição Individual de Escultura
Fragmentos
Noémia Cruz

1 de maio

Vídeo
Show visual Diaporama
Manoel Barbosa

21 de maio

Teatro
*Medo de Mim, Pavor dos
Outros*
Grupo Experimental
Orpheu 2.ª Geração,
Teresa Valadão e Escola
Secundária Jerónimo
Emiliano de Andrade

12 de junho a 11 de julho

Exposição Individual de Pintura
24 Horas Sobre Papel
Lúcio

17 de julho

Conferência
*Subsídio para um Novo
Cânone*
Mário Cabral

17 de julho a 17 de setembro

Exposição Individual de Desenho
Pontos de Vista
Emanuel Félix (filho)

2 de outubro a 14 de novembro

Exposição Individual de Pintura
Spits Blood, Speech
José Espadinha

20 de novembro a 23 de janeiro de 2011

Exposição Individual de Pintura
The Barrier of Fear
Joe Lima



2011

29 de janeiro

Música
Wave Jazz Ensemble
Antonella Barletta,
Nuno Pinheiro, Eduardo
Ornelas e Rui Melo

29 de janeiro a 27 de março

Exposição Individual de Pintura
Pedaços de Cor
Helena Amaral

2 de abril

Literatura
Apresentação do Livro *Mel*
Carlos Bessa

Música
Concerto Grigory Grytsiuk
e alunos da EBS Tomás de
Borba
Grygoriy Grytsyuk e
Miguel Maduro-Dias

2 de abril a 29 de maio

Exposição Coletiva de Pintura
Que Estranhas São Estas
Coisas de Soar
Ateliê do Pintor Alberto
Péssimo: Adélia
Fernandes, Amália
Soares, Aparício Farinha,
Fernando Barros, Helena
Melo, Isabel Aguiar,
Isabel Costa, Isabel
Amaral, José Moutinho,
José Queiroga, Manuel
Bessa, Manuel Pestana,
Maria João Sarmento,
Nelson Isidoro e Odília
Rocha

18 de junho a 14 de agosto

Exposição Individual de Pintura
Interligações
Phillipa Cardoso

2011

28 de julho

Música
Concerto de Guitarra Clássica
Victor Castro

15 de outubro a 27 de novembro

Exposição Individual de Desenho
e Escultura
Metamorfose
Maria Ana Simões

3 de dezembro a 29 de janeiro de 2012

Exposição Individual de Pintura
Regresso à Terceira
Carlos Carreiro

2012

31 de março

Literatura
Lançamento do Livro
Sonata para um Viajante
Dimas Simas Lopes,
apresentação de **Carlos**
Bessa



Exposição Individual de Pintura, *The Barrier of Fear*, Joe Lima, 2010.



Inauguração da Exposição Coletiva de Pintura, Ateliê do Pintor Alberto Péssimo, *Que Estranhas São Estas Coisas de Soar*, 2011.



Consciência Íntima, madeira e pedra, 50 x 50 x 25 cm, in *Metamorfose*, Maria Ana Simões, 2011.



Cartaz do lançamento do livro, *Sonata para um Viajante* de Dimas Simas Lopes, 2012.

Simbologias

Dimas Simas Lopes 9 out 2020 — 14 mar 2021

CARMINA  GALERIA DIMAS
de arte contemporânea SIMAS
LOPES

Dimas Simas Lopes

Nasceu nos Biscoitos, Terceira, Açores, em 1946.

É licenciado em Medicina, especialidade de Cardiologia, pela Universidade de Coimbra, com formação nos HUC, Hospital de Santa Cruz, Carnaxide, e Hospital La Paz, Madrid, tendo desempenhado as funções de Chefe de Serviço no Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira.

Frequentou o ateliê do Pintor Enriquê Valero em Angra do Heroísmo e Madrid e foi convidado a realizar a sua primeira exposição de pintura em 1992, na Galeria da então Direção Regional dos Assuntos Culturais, em Angra do Heroísmo. A partir desta data, por convite ou por seleção em concursos, tem apresentado os seus trabalhos em várias dezenas de exposições individuais e coletivas, em galerias e outros espaços públicos nos Açores, Porto, Coimbra, Lisboa, Itália, Brasil e Estados Unidos, onde foi artista residente, durante o ano de 1996, na *Agora Gallery*, Soho, Nova Iorque.

A partir de 1998, iniciou a prática da escultura em metal, concebendo maquetas como propostas de arte pública, de que é exemplo *Segmentos para uma Paisagem*. A sua escultura de homenagem aos *Homens da Terra e do Mar* foi implantada na sua terra natal, os Biscoitos, enquanto *O Pastor de Gado Bravo* surge no interior da ilha, no Pico da Bagacina. A Vila das Lajes é palco da escultura intitulada *A Quarta Dimensão* e a Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, em Angra do Heroísmo, acolhe *O Escritório Pós-Moderno*. Em Coimbra, é possível visitar as suas peças *A Dança* e *Pela Esperança*, enquanto em Sobral da Adiga, no Alentejo, se encontra *A Árvore do Caos*. *Uma Flor para a Criança da Terra de Todos* é a sua mais recente obra, instalada em Angra do Heroísmo.

Dedicou-se à criação de séries pictóricas, como *A Cor da Palavra*, *O Outro Lado da Terra*, *O Ouro e os Mitos* e *Sinais da Matéria*, entre outras, tendo também realizado pintura mural na Igreja de São Pedro e Impérios do Espírito Santo, nos Biscoitos, na Capela do antigo Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira e ainda na Igreja do Lameirinho. A sua obra está representada em coleções de Portugal, França, Espanha, Itália e Estados Unidos.

Foi agraciado pela Câmara Municipal da Praia da Vitória com a Medalha de Mérito Municipal – Valor Cultural, entre outras distinções. Foi membro da direção do Instituto Açoriano de Cultura (1995-2007) e é sócio da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos e ainda da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Em 2004, fundou a *Cármia* – Galeria de Arte Contemporânea, na Ilha Terceira, Açores. Mais recentemente, publicou também três obras de carácter literário, *Sonata para um Viajante* (Calendário das Letras, 2012), *Porto do Mistério do Norte* (Companhia das Ilhas, 2015) e *O Rapto* (Companhia das Ilhas, 2019).



ISBN 978-972-647-382-4



9 789726 473824 >



GOVERNO
DOS AÇORES



Carmina Galeria

Outeiro do Galhardo, 13-A Ladeira Grande
9700-353 Angra do Heroísmo
Terceira – Açores
Telf.: +351 295 240 800 / 2
E-mail: museu.angra.info@azores.gov.pt



Museu de Angra do Heroísmo
MAHI